

O LIMITE DO MITO

Leandro Tocantins

A final, *Limite*, o filme de Mário Peixoto, foi exibido para uma platéia numerosa, no espaço de uma semana, inaugurando a excelente sala de projeção da Funarte.

Quarenta e sete anos depois que a singular realização de Mário Peixoto era apresentada a um público restrito no Rio de Janeiro — precisamente a 17 de maio de 1931 — em sessão única, promovida pelo Chaplin Clube, no Cinema Capitólio.

Esse enclausuramento de *Limite*, no espaço e no tempo, contribuiu para a formação do mito. Do mito-filme, que teria impressionado Eisenstein, ao vê-lo, em Londres, ao ponto de este elogiar o trabalho do jovem e estreado diretor. Do mito-Mário Peixoto, isolado do mundo, vivendo paradisiacamente em seu *Sítio do Morcego*, na Ilha Grande.

Mas, há limite para tudo, até para os mitos.

Penso que ao próprio Mário Peixoto não agradava a idéia em que procuravam envolver o seu filme. Tanto que concordou na saída de *Limite* (vencidos os obstáculos técnicos que poderiam prejudicar a obra de arte) da clausura de quase meio século para os olhos e a inteligência de um público ansioso por conhecer uma das realizações brasileiras mais comentadas e sempre fugidia ao seu interesse de espectador. Alguns chegaram a duvidar da existência compacta de um filme de duas horas de projeção, que na realidade é.

Mário Peixoto agiu bem. Não se podia mais alimentar o mito desnecessário, porque *Limite* é, realmente, um belo filme, impressionante pelo seu valor artístico, a ousadia de seus planos e, sobretudo, fotografia das mais refinadas e criativas.

Pareceu-me a superposição de um talento aflito por originar valores, de uma fortuna inventiva na rica — paisagisticamente rica — Natureza. Uma reunião de contrários que Mário Peixoto soube manter assim como em nível cosmológico.

Limite ficará na História do Cinema como a inquietação jovem (Mário Peixoto, quando o dirigiu, tinha menos de 20 anos), em pensamentos refletidos nas formas da paisagem ou nos gestos humanos. Com o seu poder criativo, o seu nervo, as suas intenções, até suas alucinações.

Pela primeira vez, no Brasil (1930), alguém teve a coragem de realizar um filme arte-pura, em que a câmara liberta (e até em libertinagens de ângulos, de *clases*, de panorâmicas, de planos verdadeiramente revolucionários para a época) nos convida, nos prende à influência invisível de um mundo que *vemos* em cor (apesar do preto-e-branco da imagem), em movimento: tudo aquilo que de *dentro* de nós, na idealização ou na romantização, reflete o seu brilho. Que é o brilho de *Limite*.

Acabando de ver *Limite*, lembrei-me da expressão de um inglês ao se referir à poesia:

CHAPLIN CLUB

EXHIBE

AOS SEUS SOCIOS E CONVIDADOS

LIMITE

REALIZAÇÃO DE MARIO PEIXOTO
PHOTOGRAPHIA DE EDGAR BRASIL
APRESENTAÇÃO DA CINEDIA

“L I M I T E”

“Limite”: o encontro de tres vidas arruinadas pela vida no limitado de um barco perdido no mar. Duas mulheres e um homem, tres destinos que a vida depois de ter limitado constantemente nos seus desejos e possibilidades reúne enfim no mais limitado dos espaços. Tudo é limite.

No film, a cada momento, tudo procura transbordar dos limites. A machina foge com os personagens para a natureza, atravessa mares e céos, persegue nuvens, vòta com as aves, corre com os homens alucinados, segue os movimentos dos galhos das arvores que o desespero da natureza parece estar chamando, cõe com os corpos desanimados dos homens, avança dez vezes sobre a fonte que jorra, fòge, corre, perde-se perseguindo o horizonte, caminhadas sem fim — mas quando volta é a mesma terra que encontra, o chão que é superficie e é fim de toda visào, a cerca que delimita, o limite que prende, limites de todas as especies. Mesmo no illimitado da natureza tudo é limite.

Uma serie de themes, de variações, de situações, de movimentos de vida que o realizador pegou, desenvolveu, construiu geometricamente para fazer um todo só, um film que fosse cinema puro, em que as imagens fulassem por si, pelo seu rythmo. Sobre cada situação bordou mil variações, interpretou cada imagem no sentido do todo. Rythmo tudo.

Rythmos. Rythmos de todas as especies. O film é um grande rythmo, de desespero e de angustia, de isolamento e de limite, que mil pequenos rythmos desenvolvem e completam a cada momento. Toda imagem tem o seu rythmo interior bem nitido e faz parte pela sua duração de um rythmo de sequencia que constitue junto a outros o rythmo geral do film.

Tudo é rythmo no film. E' o rythmo que em cada situação define o limite, é o rythmo que no film todo situa a idéa e limita o sentido de cada aventura.

E' o rythmo que define o limite, é rythmo que define “Limite”.

O convite-programa de apresentação de *Limite*, no dia 17 de maio de 1931, no Chaplin Club.

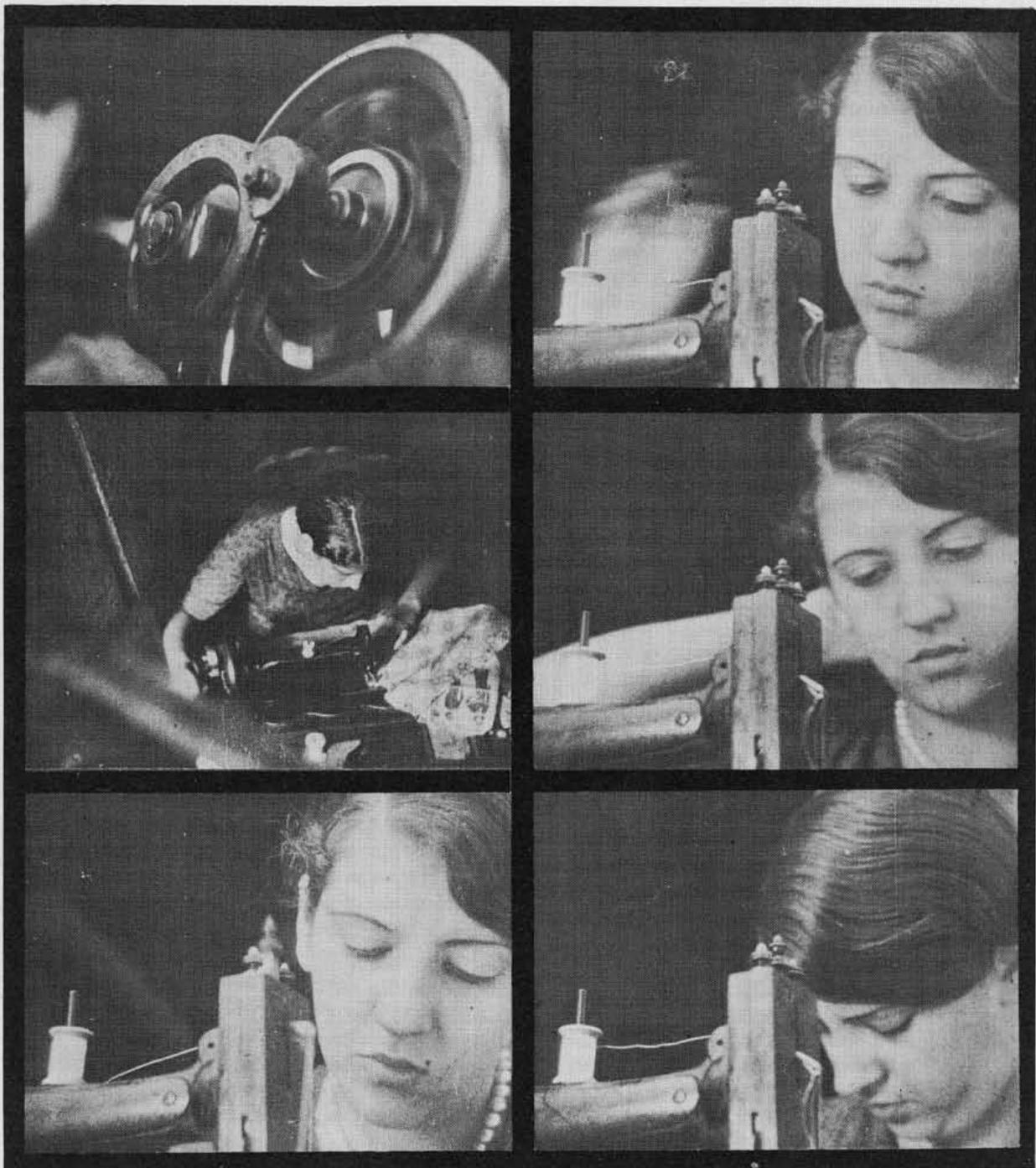
LIMITE



Taciana Rei, a mulher nº 2 do barco.



Raul Schnoor.



A seqüência da máquina de costura.

His burning thirst & freezing hunger — sua sede candente e sua fome congelante. (Na língua inglesa este paradoxo parece crescer em força poética).

Pois é assim o filme de Mário Peixoto. É intraduzível, mas esteticamente traduzível. O próprio Mário disse, há pouco: "Eu não sabia o que estava fazendo, ou melhor, não tinha consciência de nada do que acontecia ou poderia acontecer. Por isso não quero e não faço qualquer análise ou conceito sobre o filme". E conclui: "tudo mudou, desde então, portanto, meus comentários de hoje não são cabíveis" (in *O Estado de São Paulo*, 11.6.1978).

Parece-me que Mário Peixoto lucidamente encaminhou para os outros a razão de ser e a visão coerente de seu admirável trabalho. E, assim, ousou dizer que não devemos procurar em *Limite* enredo, ação, isto ou aquilo. O filme é o que é. Visualmente belo, ascende para trazer sentimentos e percepções que os vãos curtos não podem alcançar. Seja ou não influenciado pelo expressionismo alemão, *Limite* é brasileira-mente universal, mensagem dirigida aos espíritos sensíveis. A prova é que, transcorridos quarenta e sete anos, mostra a platéias numerosas, a maior parte de gente jovem, a categoria da vitalidade, ao lado da beleza. Isto pode definir uma obra de Arte.

Limite não foi uma luminosidade transitória, uma experiência esnobe de um brasileiro muito moço, que vinha da Europa enriquecido de idéias. Ao contrário, esse moço fez valer essa experiência extra-brasileira através de um meio de expressão sofisticado, que é o Cinema, em cenários brasileiríssimos, captando, cinematograficamente, pela primeira vez entre nós, o doce mistério, o poder lírico, a quase espiritualidade da natureza brasileira, das coisas brasileiras.

Se há uma definição subjetiva, sim, para *Limite*, ela seria "Hino para a Beleza Intelectual", justamente o título de um poema de Shelley: *espírito da beleza que consagra/ com tuas próprias cores tudo aquilo em que brilhas/ no pensamento ou na humana forma.*

Penso que se foi o mito e ficou o *Limite*.

Mas, estas notas servem apenas para apresentar dois documentos históricos relacionados à trajetória do filme de Mário Peixoto: o convite-programa, de apresentação de *Limite*, a 17 de maio de 1931, e uma apreciação do filme, assinada por *Um Crítico*, que foi entregue, em 1931, ao saudoso cineasta Adhemar Gonzaga para publicação na revista *Cinearte*.

Limite
O Sr. Mário Peixoto afirmou de modo
-brilhante a sua capacidade técnica
no filme "Limite" que exibiu,
no domingo passado, no Capitólio,
a um grupo de envidado.
Penso não ser outro aliás o
fim visado pelo jovem produtor,
pois creio que o filme de
arte pura nunca poderia ser
uma arte popular, em parte
alguma e mais especialmente
no Brasil onde o meio é
mais do que inóspito para
compreender semelhante esforço.

O começo e o fim de uma apreciação do filme, assinada por um misterioso crítico, entregue em 1931 a Adhemar Gonzaga para publicação na revista *Cinearte*. Na página ao lado, a íntegra do comentário.

O que se me afigurou mais
estranhamente é o jovem
artista ter miserado a sua
cabeira com o que ha-
ve mais difícil em arte.
O Sr. Mário Peixoto merece
os sinceros cumprimentos
dos entendidos e agora que
afirmou a sua capacidade técnica
deve voltar o seu talento para
uma arte mais acessível
ao público, que certamente
merita a regateia aplausos.
Um crítico

O Artigo acabou não saindo. Quarenta e sete anos depois, é divulgado em *FILME CULTURA*, graças a Alice Gonzaga, que desentranhando-o do arquivo de seu pai, compreendeu o valor histórico da revelação.

Aliás, as duas peças — o programa-convite e o artigo — pertencem ao Arquivo Cinédia, onde se guarda a viva história de uma época do cinema brasileiro, em sonhos e experiências cariocas.

LIMITE

O Snr. Mario Peixoto affirmou de modo brilhante a sua capacidade technica no film "Limite" que exhibio, no Domingo passado, no Capitólio, a um grupo de convidados.

Penso não ser outro, aliás, o fim visado pelo jovem productor, pois creio que o film de arte pura nunca podera ser uma arte popular, em parte alguma e especialmente no Brasil onde o meio é ingrato para comprehender semelhante esforço.

O público em geral, quando desorientado pelo arte pura, diz: não presta, quando deveria affirmar simplesmente a sua incompetência: dizendo: não comprehendi.

Julga, sem ter a necessaria cultura artistica para fazel-o. "Limite" ressent-se, como aliás todo film de arte pura de uma certa monotonia. Talvez tornando as scenas mais curtas seria possível evitar em parte esse inconveniente.

Notei apenas tres defeitos no film do Snr. Mario Peixoto. O primeiro é a insistencia demasiada em que a machina segue as caminhadas dos protagonistas; o mesmo se poderia dizer da magnifica scena de tempestade. Segundo: o próprio autor haver representado na scena do cemiterio quando durante todo o film soube impedir que os artistas o fizessem. Terceiro — haver incluido tres letreiros, perfeitamente dispensaveis, no seu film de arte pura.

O film visa a transmitir uma impressão pelo proprio uso exclusivo das imagens e do rythmo, não tinham portanto razão de ser os tres letreiros.

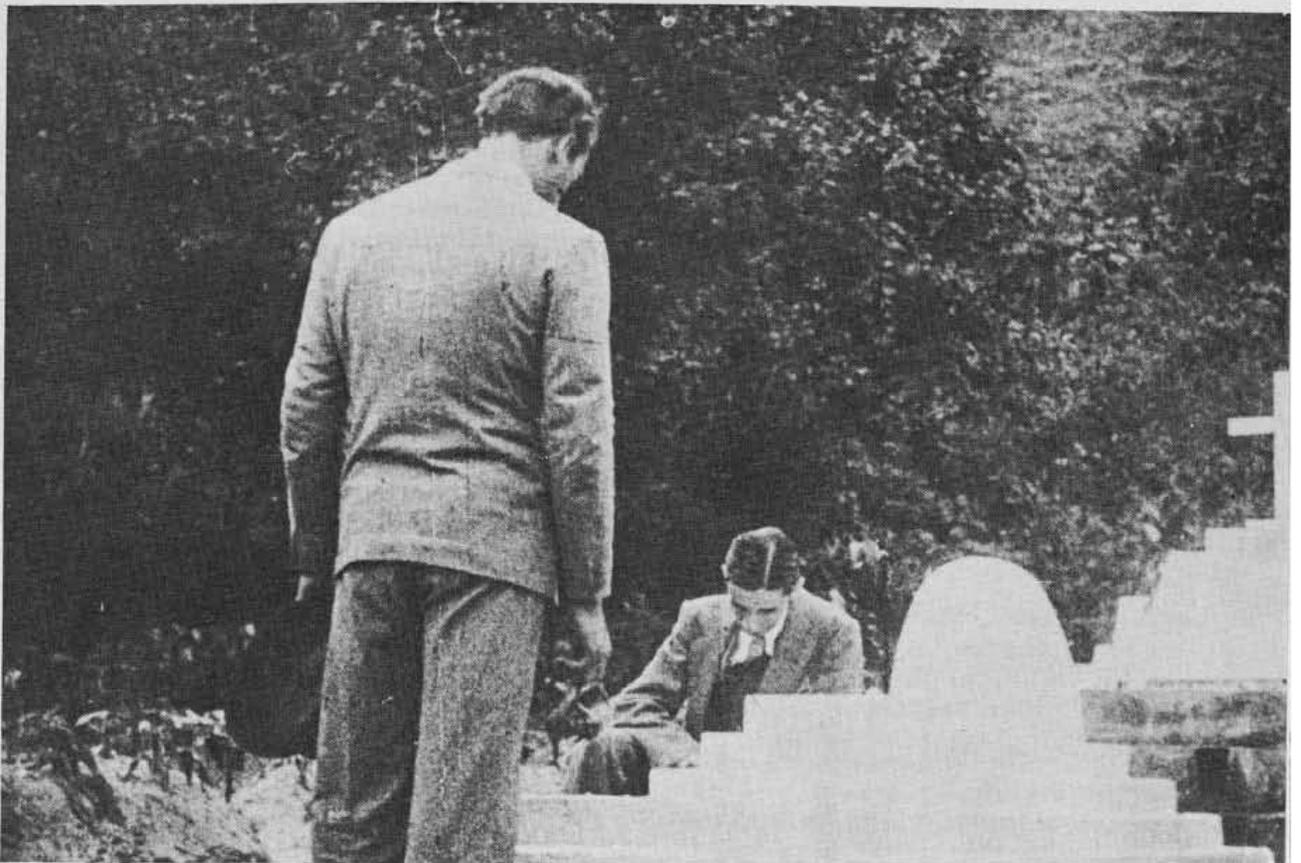
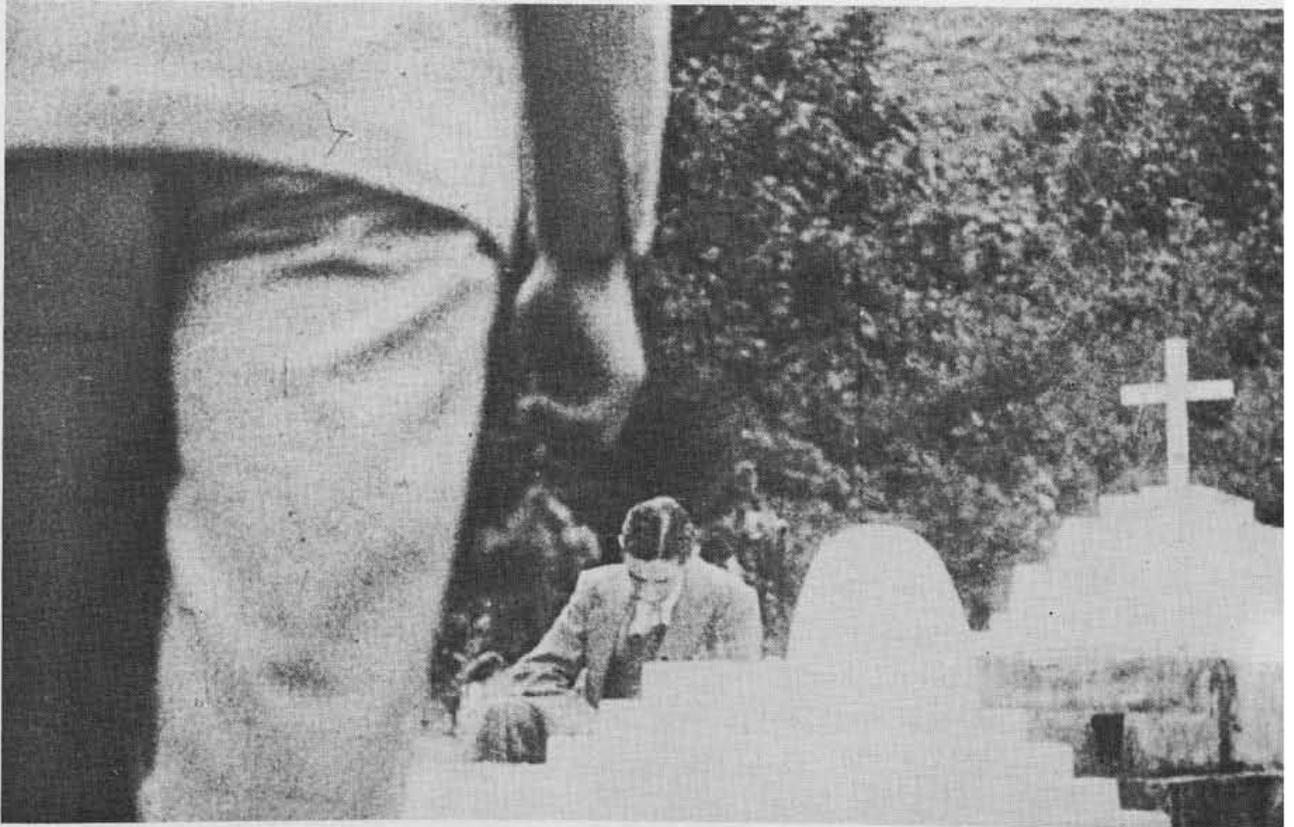
No mais so elogios merece. O rythmo é perfeito, as imagens de rara beleza e de intenso poder suggestivo; as photographias, de nitidez absoluta.

Em resumo, um magnifico film de arte.

O que se me affigura mais extraordinario é o jovem artista ter iniciado a sua carreira com o que ha de mais difficil em arte. O Snr. Mario Peixoto merece os sinceros cumprimentos dos entendidos e agora que affirmou a sua capacidade technica deve voltar o seu talento para uma arte mais acessivel ao publico, que certamente não lhe regateará applausos.

Um crítico

LIMITE



A seqüência do cemitério. (Seguir os movimentos do homem que chega com a flor na mão e a deposita sobre o túmulo.)

